

OS CICLOS DA CRIANÇA: ESPAÇO DE VIDA, LUGARES DE EXISTÊNCIA

Alessandra Leal
ale.leal@yahoo.com.br

RESUMO

Este texto objetiva analisar o modo de vida e dinâmica de existência das crianças, do povoado Barra do Pacuí, distrito de Ibiaí/MG, tendo em vista categorias como região cultural, paisagem cultural, lugar e ciclos de vida. O texto propõe reflexões sobre o modo de vida e suas relações com os espaços e lugares de existência. A região cultural está inserida em vários contextos e sua análise e entendimento depende de que ponto está sendo observado. Os espaços e lugares de vida também são relativizados de acordo com os tempos e períodos de vida das pessoas, aqui no caso das crianças. Os valores, crenças e costumes se alteram e modernizam de acordo com os novos símbolos e informações que se adentram à comunidade, seja por meios de comunicação, seja com a chegada de novas pessoas ou daquelas que saíram e para ali retornam. As crianças, nesse contexto, são as que primeiras a incorporarem essas novidades e serão também as primeiras a transmitirem a outros, assim como transmitirão as características de sua comunidade. Essa difusão de conhecimentos e viver da comunidade Barra do Pacuí é reafirmada num círculo sucessivo em que crianças, entre ciclos, espaços e lugares, confirmam as intenções nelas depositadas. Autores como Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl, Carlos Brandão e Yi-Fu Tuan fundamentaram teoricamente a discussão sobre as categorias e dados coletados a partir visitas de campo, com base na pesquisa participante do Prof. Carlos Brandão, embasaram as informações da comunidade apresentada.

Palavras Chave: crianças, lugar, ciclos de vida, região cultural e paisagem cultural.

THE CYCLES OF THE CHILD: LIVING SPACE, PLACES OF EXISTENCE

ABSTRACT

The objective of this text is to analyze the way of life and dynamic of the children's existence from Barra do Pacuí village, district of Ibiaí/MG, having in mind categories as cultural region, cultural landscape, place and cycles of life. The text proposes reflections about the way of life and its relation with the spaces and places of existence. The cultural region is inserted in many contexts and its analysis and comprehension depends on what point it's been observed. The spaces and places of life are also relativized in agreement with the times and periods of the people's life, in this case, children. The values, believes and customs modify themselves and modernize in agreement with the new symbols and information that enters in the community through the communication's way or the arrive of new people or those who left and returned. The children, in this context, are the first to incorporate these new features and also be the first to transmit to the others as they transmit the characteristics of their community. This diffusion of knowledge and living of Barra do Pacuí's community is reaffirmed in a successive circle where the children between cycles, spaces and places confirm the intentions deposited. Authors as Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl, Carlos Brandão e Yi-Fu Tuan had based theoretically a quarrel on the categories and collected data from the field's visit, based on the research participating of the Prof. Carlos Brandão had based the information about the community presented.

Key-words: children, place, cycles of life, cultural region and cultural landscape.

Recebido em 28/08/2009
Aprovado para publicação em 29/12/2009

¹ Trabalho desenvolvido a partir de financiamento da FAPEMIG à pesquisa: "Opará – Tradição, Identidades, Territorialidades e Mudanças entre Populações Rurais e Ribeirinhas no sertão roseano".

INTRODUÇÃO

Este texto envolve um exercício de inter-relação entre as categorias geográficas: regiões culturais, paisagem cultural, espaços e lugares, ciclos de vida e de vivência e cultura e traços culturais com o viver e a vivência da criança na comunidade tradicional barranqueira da Barra do Pacuí (distrito de Ibiaí-MG) em seus espaços e ciclos de vida, refletindo o viver pueril como experiência da cultura tradicional e o seu efeito sociabilizador em espaços e lugares em seus ciclos de vida.

Assim, pensando em termos de região cultural tal como ela se relaciona à comunidade ribeirinha Barra do Pacuí, podemos seguir duas linhas de raciocínio. (CORREA & ROSENDAHL, 2008). A primeira tem a ver com a metodologia sugerida por Côrrea (2008) em que se podem observar as regiões culturais a partir das diferenças. As regiões são divididas tendo em vista as semelhanças culturais em contraponto com as áreas que possuem traços culturais diferentes. O segundo procedimento considera as unidades de área a partir da geodivisão política, em que regiões são “agrupadas ate alcançar-se o universo, como um dado país” (CORREA, 2008:15). Seguindo tais princípios as regiões culturais são “áreas habitadas em qualquer período determinado por comunidades humanas, caracterizadas por culturas específicas” (WAGNER e MIKESSELL, 2000 apud CORREA, 2008:12) (ROSENDAHL, 2003).

As regiões culturais poderiam ser entendidas como possuindo três pontos: o foco inicial ou médio que abarca o centro de irradiação, do local em que os traços culturais são mais fortes, enraizados e intensos. O domínio, que corresponde às adjacências ao núcleo. As áreas em que os traços culturais do núcleo convivem com outros aspectos culturais, mas, sendo ainda predominantes. À medida que os significados dos traços culturais forem perdendo força para outros traços, eles se tornariam regiões culturais periféricas ou franjas, como áreas de limite entre duas ou mais zonas de transição.

A primeira linha de raciocínio considera o histórico de formação da comunidade Barra do Pacuí e sua descendência. A comunidade surge em meados de 1.940, quando um grupo de negros desce o Rio São Francisco à procura de terras para plantio. A realidade de então era dura. Desapropriados e rechaçados cada vez mais pelas grandes fazendas sugadoras do “Velho Chico”, os pequenos agricultores e pescadores ficam desalojados. Nesse período tais agricultores e pescadores já haviam perdido seus pequenos punhados de terra para as fazendas que subsidiadas com investimento do Banco do Nordeste, que pagavam pouco por suas terras ou simplesmente, apropriavam-se deles. Sem terras, esses pequenos agricultores associavam-se aos fazendeiros na produção meeira, utilizando as terras da fazenda, e dividindo a produção obtida, além de trabalharem na fazenda, para continuarem a produzir e viver da terra e da pesca. Em 1981, com a Lei de Usucapião, fazendeiros receosos de perder as porções de terra trabalhadas encerraram com o acordo. Como resultado, agricultores e pescadores fortalecem o ciclo migratório ao longo do São Francisco. Descem e sobem águas a procura de pouso. É nesse peregrinar que alguns se assentam nas ilhas do Rio², enquanto outros conseguem adquirir pequenas porções de terras às margens do “Velho Chico”. É nesse peregrinar que Benedito Siqueira, Francisco Bigodão, Anecleto, Manuel Vermelho e Joaquim da Silva assentam pouso no desmatado, entre o São Francisco e o Córrego Pacuí.

Lugar fecundo para o plantio de Seu Anacleto e para a pesca de Seu Antônio. Ali os cinco se alojam, formando família e enraizando a comunidade. Pescadores e agricultores, negros, que além de carregarem consigo a vivência da terra e das águas, trazem também traços e resquícios das culturas. É o caboclo d'água que leva o peixe e protege o Rio. É a vida nas águas que permite a fertilidade das terras de vazante. É a reverência à Nossa Senhora Aparecida ao dançar o São Gonçalo. É toda uma característica de peregrinação, ciclo e vivência que se não caracterizam, distinguem os viventes ao longo do Rio São Francisco.

Nessa primeira linha em que o histórico de formação e a descendência são marcados pelo Rio, o foco inicial, o núcleo desses ciclos envolveria o próprio Rio São Francisco entre águas, ilhas e margens, já que tanto a origem da comunidade e seus ciclos de vida ali, obedecem também os ciclos e “dizeres” do Rio. Nele, da Serra da Canastra a Piaçabuçu-Al, da nascente a foz os destinos, acertos e errâncias acontecem em função de suas águas. Crenças, costumes e

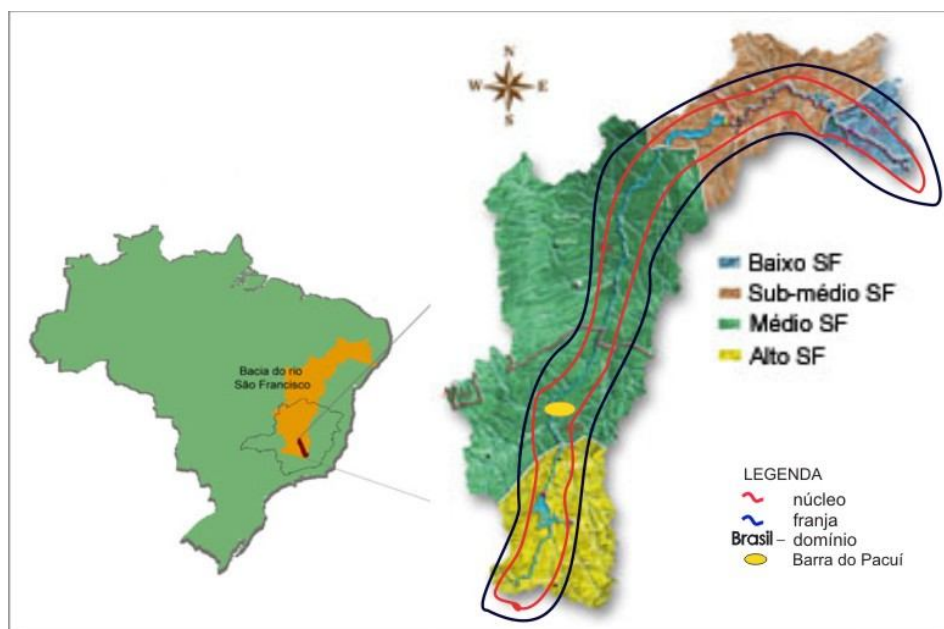
² O termo “Rio” aqui utilizado com letra maiúscula se referirá sempre ao Rio São Francisco.

rituais que surgem a partir e em função da vida junto ao Velho Chico. Assim, o Rio, as ilhas e as margens seriam o núcleo. Os arredores, num raio de 200 a 300 km seriam o domínio. Espaços e lugares que por estarem mais afastados das águas não vivem diretamente da pesca e da agricultura de vazante, mas, carregam a bagagem dos “dizeres” do Rio. Crenças, mitos e rituais que se expandem ao além margem para ganhar os gerais. A franja, levando em consideração a repercussão e dimensão simbólica, a força, fertilidade e vida que o Velho Chico simboliza por si, pode englobar todo o restante do país, ou reduzindo a abrangência geográfica numa ótica menos abrangente, os estados pelos quais o Rio percorre (MG, BA, SE, AL e PE). A Barra do Pacuí nesse contexto, não está no meio do São Francisco, mas no meio da região cultural.

Lembremos dos projetos de barragens, de transposição. Recordemos os debates e seminários que percorrem todo país em função das águas do Velho Chico, seja para o bem e sua proteção e revitalização, seja para a violência e exploração. Lembremos da sua força de transporte e escoamento de mercadorias, produtos e símbolos, ao nos depararmos com uma carranca ou ao ouvir do caboclo em terras distantes ou mesmo e ainda ao degustar peixes e tomates oriundos da fertilidade suas águas.

Nesse sentido, seguindo o raciocínio da representação de Zeny Rosendahl (2008) o espaço gráfico seria:

FIGURA 1
Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco



FONTE: Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco

Outra forma de entender a Barra do Pacuí inserida numa Região Cultural seria não levar em consideração o histórico de formação, mas, o ciclo de vivência do grupo e da comunidade tradicional que, sim, carrega consigo todo o seu histórico e processo de formação, e que, também acrescenta peculiaridades. Seguindo essa linha, os espaços³ e os ciclos de vivência nesses espaços é que são levados em consideração.

Nesse sentido, o núcleo seria o território da própria Barra do Pacuí, seguido das mediações das estradas, córrego e do “Velho Chico”, sendo que aqui, não todo o velho Chico, mas, o trecho de aproximadamente 30 km acima e 30 km abaixo (tanto do Rio quanto do Córrego), do foco da comunidade. Lugares em que os pescadores passeiam para pescarem ou mesmo para

³ Essa abordagem se confunde com as divisões das unidades de áreas sugeridas por Córrea 2003.

transportarem os peixes e produtos agrícolas até a cidade de Ibiaí, da qual a comunidade é distrito. A pesca no córrego é quase inexistente diante da raridade de peixes e espécies, mas é utilizado para plantio e lazer. Assim, a marca ou marco cultural seriam os ciclos, histórias e vivências dos moradores da Barra. Seriam a forma de plantar, os locais escolhidos, a época escolhida para o plantio e para a colheita, as marcações, a escolha do que plantar, os locais preferidos para pesca e a melhor maneira de chamar os peixes. Seria também as poucas variações na culinária, na especificidade do padroeiro e da dança de São Gonçalo, nos rituais específicos de orações infantis a chamar pela chuva. Na peculiaridade de construir as casas formando ciclos centrais. No costume da farinhada que se mistura entre o coletivo da comunidade e o familiar. Aqui o alicerce de vida em torno e em função do Velho Chico deixa de ganhar o centro, para ceder às formas e fazeres originados pela base.

Tal reflexão seria a preferida dos moradores da comunidade se fossem questionados a respeito. Pois eles têm como referência a Barra do Pacuí como centro e núcleo do referencial espacial e geográfico do mundo. Noção própria deles, que pensam as demais regiões a partir da comunidade, e de todos nós, que também lembramos nosso berço como referencial geográfico. “As pessoas em todos os lugares tendem a considerar sua terra natal como o lugar central ou o centro do mundo”. (TUAN, 2001: 44).

Assim, a comunidade ganha mais uma vez a força de um foco inicial, o núcleo, deixando o domínio e a franja se misturarem nas mediações e cidades vizinhas (Ponto Chique, Ibiaí, Pirapora, Montes Claros) e se confundirem com os pequenos territórios, ou locais de moradia do barra pacuiense em cidades distantes (São Paulo, Belo Horizonte, Serra Salitre e São Luiz-Ma). Domínio e franja que não fisicamente delineados, absorvem fronteiras dissolvidas em cidades grandes. Lá, na distante São Paulo em que Maria Rosa, descendente dos quilombolas da comunidade Barra do Pacuí, vive e reproduz contos e histórias de sua terra natal, transmitindo aos filhos conhecimentos e aspectos da vida do núcleo, contando aos novos pares a sua maneira de viver. O domínio e a franja, nessa perspectiva, alçam vôo com o caminhar e migrar do modo de viver da Barra do Pacuí.

A paisagem cultural construída na Barra do Pacuí retoma o contexto da região cultural descrita inicialmente, em que a devoção a Nossa Senhora Aparecida é presentificada na capela humildemente erguida no centro simbólico da comunidade. Pequena, branca de porta e cruzeiro azuis. As poucas casas, em grande número de adobe, cedem lugar lentamente às construções de alvenaria. O São Francisco não aparece em carrancas, mas, assim como o Córrego Pacuí, perpassa subjetivamente por todos os espaços e lugares. A disposição das casas em círculos, a existência de locais de fazeres comunitários (casa de farinha, salão de baile, escola, posto de saúde, posto telefônico, áreas de plantio coletivas) evidenciam a crença na comunhão e no compartilhamento do que é oferecido pelo “Velho Chico”.

Os próprios dizeres e fazeres contribuem para a visualização da paisagem cultural da Barra do Pacuí, que é de certo modo comum às comunidades tradicionais ribeirinhas do São Francisco. Elas possuem sua paisagem erguida “no desejo de reproduzir sua própria visão de mundo” (CÔRREA, 2003) que, neste caso, constrói-se sobre o espírito de solidariedade, respeito ao Rio e ao próximo. O Rio é tido como que uma divindade que doa o que comer e beber. Segundo Holzer, “as sociedades planejam *amenagent* seu ambiente em função da percepção que teme, reciprocamente, percebem em função do ambiente que produzem *en font*” (HOSENDALH E CÔRREA, 2003). Não foi à toa que a comunidade se ergueu no desemboque de dois rios. Não foi por graça apenas que os seus viventes são receptivos e solidários. O que comem não é deles, mas do Rio. Ele doa a todos.

Todos têm direito. É só plantar para colher. Assim é o viver comunitário representado na materialização da comunidade. Assim como a materialização da comunidade evidencia o viver representado e inculcado na vivência da Barra do Pacuí. Assim é que é percebida a Barra do Pacuí.

No mundo infantil, a paisagem cultural é representada, não por intermédio das construções arquitetônicas, mas nas modificações e escolhas dos espaços físicos em função de suas brincadeiras. Interações com círculos próximos de seus mundos naturais, sociais e interativos como em outros. É o escorregador que só funciona no barranco do Córrego, e isso se tiver o desfecho dentro d'água. É o piquenique que só é bom se for embaixo da mangueira às

Dentro e fora dos limites da família, da parentela, das equipes de trabalho, dos grupos rituais e da própria vizinhança, um dos lugares mais importantes de partilha da vida são os grupos de idade. Só mesmo eles concorrem com o poder da família em tempo e valor. (BRANDÃO, 1995: 135)

Na Barra do Pacuí tais grupos de idade são formados a partir dos seis ou sete anos, quando a criança extrapola o quintal de casa para ganhar a rua e a praça da comunidade, para ganhar os espaços coletivos.

Os lugares, os ciclos de vida e os grupos de idade estão intimamente ligados e determinados pela cultura familiar. Crianças de zero a um ano são orientadas preferencialmente a permanecer no quarto durante o brincar, principalmente se tiverem que ficar sozinhas. A partir dos dois anos de idade, elas já deixam o colo dos pais e alçam conquistas pela casa. Já andam e conseguem trilhar entre móveis sem quebrar objetos ou se machucar. Por volta dos três anos elas conhecem a terra e brincam com a poeira. Já se iniciam nos jogos imaginários com bonecos de barro e entre-lugares. Nesta fase, o grupo de idade não é predominante, mas sim, a interação com a mãe. A criança é mantida até os cinco anos predominantemente no espaço feminino, no espaço materno. É época em que ela conta histórias e contos da comunidade, orienta a criança sobre os espaços permitidos, seguros e os de perigo, os proibidos. Orienta quanto às futuras tarefas e sugere brincadeiras. “A mãe é o primeiro lugar da criança” (TUAN, 1983: 32). É o porto seguro. Lugar de segurança. O lugar real e objetivo que possibilita a criação do lugar subjetivo e imaginário.

À medida que a criança cresce vai se apegando a objetos, às pessoas importantes e finalmente a localidades (...). A curiosidade pelos lugares faz parte de uma curiosidade geral sobre as coisas, surge da necessidade de qualificar as experiências; adquirem um maior grau de permanência. (TUAN, 1983: 33).

Assim, crescer e adquirir tamanho a criança se insere na busca por novos lugares. Conquista que é aguçada e lentamente degustada pela criatividade pueril.

“A imaginação da criança é de um tipo especial. Está presa à atividade. Uma criança cavalga um pau como se estivesse sobre um cavalo de verdade, e defende uma cadeira virada como se fosse um verdadeiro castelo”. (TUAN, 1983: 31). Na Barra do Pacuí os limites do quintal, imposto pelos adultos aos pequenos limitam-se ao lugar real. Uma vez que no subjetivo, o lugar já não se sabe, já não se vê. O entre-lugar, a terceira margem de Guimarães Rosa. A lagoa cheia d'água e de peixes é vista do outro lado do risco no chão. Eles ali olham. Vêem peixes, pescam. Às vezes ousam nadar. Não estão no quintal, estão ao longe. Outros cantos, outros lugares. Às vezes retomam e ficam ali soltos. Corpo no espaço, mente no lugar. Ficam assim minutos, horas. E de repente, já estão a tagarelar até mergulharem novamente.

Aos seis, sete anos a criança transpõe os espaços coletivos. Agora já pode correr pelas poucas ruas, pela praça e campos de futebol. É nesse período que os primeiros grupos de idade são voluntariamente formados. Meninos que se unem a meninos para correrem atrás de bola, cachorro ou pipa. Meninas que se aglomeram para jogar futebol⁴ ou nadarem no Córrego.

Os entre-lugares individuais cedem vez ao entre-lugar coletivo. Até os nove eles correrão por toda a comunidade entre jogos de futebol e caça a bichos imaginários. Entretanto, a glória, a idade almejada é os doze, idade em que poderão passear e conhecer as águas do Velho Chico. Poderão criar espaços, muitas vezes lugares e ensaiar fazeres na Ilha Grande (local de plantação coletiva da comunidade). Poderão construir casas no areal da prainha. Antes disso, visitas e passeios ao São Francisco só com a companhia atenta de um adulto, de preferência o pai ou a mãe. “O Rio é perigoso”. Aos nove a preferência entre uma companhia e outra já está definida e os lugares são escolhidos, às vezes, em função das presenças.

Dos nove aos quinze anos meninos e meninas desenharam rastros por todo o território da comunidade entre margem do São Francisco e águas do Córrego Pacuí. As meninas evitam os meninos, mas, em ocasiões não raras todos brincam juntos entre guisados, piqueniques e pega-pega no córrego. Ocasões em que as primeiras paqueras são ensaiadas. Ali, as

⁴ Na Barra do Pacuí o jogo de futebol, e mesmo os demais jogos que envolvem bola como o vôlei, são mais apreciados e curtidos pelas meninas que pelos meninos.

paqueras começam cedo. É freqüente que aos nove anos eles e elas já tenham selado os lábios entre si. Ocasão também em que por diversão os meninos brincam de cozinhar e as meninas de só brincar. Aos nove os meninos estão iniciando ainda a ajuda no trabalho, enquanto as meninas desde os sete já têm responsabilidades em casa.

Independentemente dos lugares da infância, os lugares dos fazeres já são delineados e ocupados aos sete anos. Aos sete, primeiramente para as meninas, as orientações tradicionais sobre o que fazer e como fazer são sugeridas pelos familiares. Elas já ajudam com a limpeza da casa, lavam louça e varrem o quintal. Em algumas ocasiões auxiliam a mãe (ou avó) na manutenção da horta. Isso quando o canteiro fica nas proximidades da comunidade e relativamente longe das águas do São Francisco. Os meninos, quando em maioria em casa, às vezes contribuem com limpeza da casa ou com o quintal. A louça ou a cozinha não são sugeridas pela mãe. Ali é espaço predominantemente feminino. O homem ali entra ou para se alimentar ou para entregar à mulher o bicho caçado, o peixe pescado ou o alimento colhido. O colhido bem menos, pois essa tarefa também é efetuada pelas mulheres. O homem ajuda, mas é orientado por ela. É ela quem sabe quanto e o que é necessário na cozinha.

Os espaços domésticos são marcados por gramáticas simbólicas de separação entre categorias de pessoas através de presenças e usos desiguais em/ de espaços diferentes. Assim, há locais domésticos mais masculinos, outros mais femininos e outros aparentemente neutros. (BRANDÃO, 1995: 187)

Os meninos ocupam mais tarde os lugares dos fazeres. Já aos nove, quando podem pular as cercas das terras da comunidade para ganhar os territórios da caça. Ou quando podem ir lá ao longe, mas não muito, de casa (na Ilha Grande), ou quando conseguem agüentar o peso da inchada.

Nessa fase, eles se inserem definitivamente nos lugares dos fazeres. Lugares que são definidos agora de acordo com o sexo e com o trabalho. Nesse momento os ciclos tradicionais de trabalho e ordenamento tradicional começam a fazer parte e a se misturar aos ciclos de idade e espaços da infância ate então determinantes na vida da criança. Se antes o universo adulto era sentido por meio de conversas, apartamentos e ensaios, agora será vivido.

Tais divisões espaciais de acordo com fazeres e sexo se estendem por toda a beira do São Francisco. Divisões e espaciações típicas do núcleo regional e que por vezes se repetem também de maneira similar em outros grupos tradicionais.

O homem, pela simples presença, impõe um esquema no espaço (...), marca sua presença nas ocasiões rituais que elevam a vida acima do cotidiano e forçam-no a uma consciência dos valores da vida, incluindo aquelas manifestadas no espaço. As culturas diferem bastante na elaboração dos esquemas espaciais. Em algumas estes são rudimentares em outras podem se tornar uma moldura magnífica que integra quase todos os aspectos da vida. (AUTOR, ANO: PAG)

Meninos e meninas a partir dos nove dividem tempos em lugares adultos e pueris. Lugares reais e imaginários sempre vividos. Em uma cena, um garoto de sete anos, não mais, pega a enxada cega e com força joga-a na terra limpa, roça o descampado. Olha o buraco no chão.

Ri e repete, de novo e de novo até entre risos e gargalhadas largar o objeto e correr pela rua. Ele ensaia serviço. Provavelmente repete gestos observados e admirados no pai. O movimento será repetido inúmeras vezes no futuro. É o lugar imaginário que se funde ao real. "É o mundo vivido que se funde ao mundo imaginado sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas". (GUEERTZ, 1989: 15).

As repetições e ensaios do garoto evidenciam símbolos, traços culturais típicos de uma cultura. Ali, de uma comunidade tradicional barranqueira do Alto Médio São Francisco. O ato em si de repetição e imitação permite o aperfeiçoamento de gestos e ações que garantiram o bom desempenho das atividades da comunidade e a conseqüente aceitação e reconhecimento do grupo (LARAIA, 2001). É a imitação dos comportamentos dos pais que possibilita o "aprendizado das atitudes e comportamentos sociais que deve adotar um futuro adulto responsável". (CLAVAL, 2001:65) É assim, para ser reconhecido como adulto

“deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta do conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade” (LARAIA, 2001: 82). É a forma de reafirmação e continuidade dos traços culturais da cultura da comunidade.

O grupo doméstico é a unidade social de referência por meio da qual qualquer pessoa é legitimamente um integrante de uma parentela, da vizinhança (...) ou de uma esfera ainda mais abrangente de relacionamentos no interior de uma comunidade (BRANDÃO, 1995: 133)

A cultura, seja como “comportamento aprendido”, seja como “modo de vida global de um povo”, ou como “legado social que o indivíduo adquire do seu grupo” (GUEERTZ, 1989: 14), garante a sobrevivência de grupos e comunidades ao estreitar laços e perpetuar a comunicação e solidariedade entre os membros. A continuidade dos traços culturais, além de manter viva a história e vivência do grupo, estreita os laços de sociabilidade dos membros. Efetivam relações sociais que por sua vez conservam a fluidez das trocas de bens, serviços e utensílios que permitem a sobrevivência dos núcleos familiares.

A transmissão de geração para geração, de pais para filhos, ora por meio da própria convivência e vivência, ora por meio de orientações, garante a perpetuação desses traços. A educação dos filhos, nesse sentido, ganha importância e valor. A criança, assim, principalmente enquanto pequena, torna-se o centro das atenções familiares. Na Barra do Pacuí mesmo tendo liberdade para correr por todo o território da comunidade, as crianças são orientadas pela convivência com os pais a ensaiarem fazeres adultos em suas brincadeiras e já participam dos ciclos de vida e de espaços, quase sempre lugares.

Em outras comunidades tradicionais, como os Aché (da tribo Guayaki do Paraguai) e os Arapesh (da Nova Guiné), as crianças são reconhecidas e valorizadas como elo de conexão ao futuro e perpetuadores de suas linhagens. Em tais tribos as crianças desde bebês são mantidas próximas aos pais. As brincadeiras ensinadas versam sobre o viver típico de cada tribo. Isso incentiva os mirins a desejarem o mundo e lugares dos adultos, conservando as tradições de cada tribo. É comum entre as crianças o ensaio da pesca, caça e plantio, o que evidencia o bom funcionamento da forma de educação.

Na Barra do Pacuí, e em grande parte pelas comunidades ao longo do São Francisco, as orientações da maneira de viver dos barranqueiros são iniciadas pelas permissões ou proibições dos lugares. Sejam lugares reais, sejam imaginários. Elas, já ao ganharem a sala e mais ainda ao correr para o quintal, estão inseridas no viver tradicional ribeirinho pela vivência e convivência. Aprendem e se preparam inconscientemente para ensinar no futuro. Ao ganharem a rua, a praça e os espaços coletivos, ganham também a casa dos tios, tias, vizinhos e compadres. Estes por sua vez contribuem por meio da reafirmação das orientações (proibições e permissões). Elas, livres, conhecendo, ocupando e construindo os lugares e ciclos da comunidade.

Já então, no próprio espaço infantil há a reprodução e a reafirmação das relações de compartilhamento e proximidade tão importantes para o ser humano. Relações alargadas e fortalecidas pelos laços de parentesco que “alargam os limites da ordem familiar cotidiana e se constituem como primeiros espaços extra-núcleos-familiares de convivência e sociabilidade.” (BRANDÃO, 1995: 136).

Dessa forma, a transmissão dos conhecimentos e viver da comunidade Barra do Pacuí é reafirmada num círculo sucessivo em que crianças, entre ciclos, espaços e lugares, confirmam as intenções nelas depositadas. Assim, o viver da criança é ratificado como conhecimento da cultura de sua comunidade e seu aprendizado é reconhecido em seu efeito sociabilizador.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Partilha da Vida**. São Paulo: Cabral Editora, 1995.

CLASTRES, Pierre. **Crônica dos índios Guayaki**: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (org.) **Geografia Cultural: um século (vol.2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

_____. **Geografia Cultural: um século (vol.3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

_____. **Espaço e Cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.